

RELATO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE

O uso do *Facebook* no Ensino de Sociologia: um relato de experiência docente

Bruno dos Santos Joaquim¹

RESUMO

Este relato de trabalho docente pretende explicitar a experiência de ensinar sociologia utilizando uma ferramenta de comunicação bastante difundida entre os alunos do Ensino Médio: o *facebook.com*. A relação entre o jovem e o saber se transformou na passagem para o século XXI com o avanço tecnológico e o crescimento do ciberespaço. Inserido na cibercultura este jovem aluno já não vê mais a escola como único caminho de busca pelo conhecimento. Cabe ao professor romper com as amarras da educação tradicional e buscar criar um ecossistema comunicativo em que o saber é descentralizado, os alunos são realmente ouvidos e podem intervir no próprio processo de aprendizagem. Para isso, adotou-se a corrente teórico-metodológica da educomunicação. Após reflexões teóricas, relata-se a experiência da realização de uma atividade pedagógica utilizando o *facebook* em uma turma do 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública estadual de São Paulo.

PALVRAS-CHAVE: Facebook. Redes Sociais. Cibercultura. Educomunicação.

ABSTRACT

This narrative aims to clarify the teaching experience of teaching sociology using a communication tool widespread among high school students: facebook. The relationship between the youth and knowledge in passage into the twenty-first century with technological advances and the growth of cyberspace. Inserted in cyberculture this young student no longer sees the school as more unique way to search for knowledge. The teacher has to break the shackles of traditional education and seek to create a communicative ecosystem in which knowledge is decentralized, students are actually heard and may be involved in the learning process itself. For this we adopted the current theoretical and methodological educommunication. After theoretical reflections, recounts the experience of conducting a pedagogical activity using facebook in a class of 3rd year of High School, a public school in the state of São Paulo.

KEYWORDS: Facebook; Social Networking; Cyberculture; Educommunication.

¹ Possui graduação em Bach/Lic em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). É pós-graduando em "Ética, Valores e Cidadania na Educação", pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor efetivo da rede pública do estado de São Paulo e pesquisador da área de Educomunicação, Ensino de Sociologia e Cibercultura.

1. Introdução

A passagem do século XX para o XXI trouxe transformações sociais relevantes, especialmente naquilo que se refere à relação da sociedade com o saber. Hoje essa nova relação está marcada cada vez mais pela tecnologia, pela velocidade e pelo “saber fazer”. Segundo Pierre Lévy (1999), o crescimento do ciberespaço² e surgimento da cibercultura³ marcam a sociedade contemporânea e implicam numa significativa mutação nas relações de comunicação e educação.

Seria interessante se a escola e o professor procurassem compreender a necessidade de uma ressignificação de seus papéis, ainda mais porque os jovens estudantes do Ensino Médio já estão inseridos na cibercultura. Segundo dados do IBGE (2013), 74,1% dos jovens de 15 a 17 fazem uso da internet e redes sociais. Percebe-se que para eles as relações estabelecidas no campo do virtual têm a mesma – e por que não dizer maior – importância que suas relações pessoais fora do ciberespaço. A cibercultura implica em uma mudança qualitativa nos processos de aprendizagem a partir da chamada aprendizagem cooperativa. Segundo Lévy, o papel do professor também precisa ser repensado.

Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão à seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc (LÉVY, 1999, p. 171).

Diante de alunos imersos na cibercultura, o professor de sociologia ou de qualquer outra disciplina do Ensino Médio deve se aproximar de uma pedagogia que se aproprie de novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em sintonia com a dinâmica comunicacional da cibercultura. É preciso que o professor leve em conta que seu aluno mudou, e a escola já não é mais sua única forma de acesso ao saber, pois ele também

[...] aprende com o controle remoto da TV, com o joystick do videogame e agora aprende com o mouse e tela tátil [...] Evita acompanhar argumentos lineares que não permitam a sua interferência e lida facilmente com ambientes midiáticos que dependam de seu gesto instaurador que cria e alimenta a sua experiência comunicacional (SILVA, 2008, p. 70).

O professor de sociologia deve levar em consideração essas transformações da relação do jovem com o saber, pois atrair seu interesse para a disciplina é fundamental para dar continuidade ao

² Lévy (1999) entende por ciberespaço ou rede o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O conceito não se refere apenas à infraestrutura digital, mas também ao oceano de informações que ela abriga.

³ Lévy (1999) define cibercultura como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensar e de valores que se desenvolve a partir do crescimento do ciberespaço.

longo e difícil processo de legitimação da disciplina no Ensino Médio. Este relato tem por objetivo apresentar a experiência do uso de redes sociais virtuais, em especial o *facebook*, como ferramentas pedagógicas da disciplina de Sociologia. Esse trabalho foi realizado em uma escola pública de Ensino Médio localizada no município de São Vicente, litoral de São Paulo.

Há uma infinidade de recursos didáticos, aos quais os adolescentes são simpáticos, que podem nos ajudar a superar a aula puramente expositiva e aproximar os jovens da Sociologia, como o uso de mídias digitais através da internet – vídeos do youtube, redes sociais como o facebook e o orkut, além de filmes, músicas, poesias, literatura, dentre muitas outras possibilidades. Basta aliar a imaginação à uma sólida formação (asas e raízes) para concretizar a tarefa de levar o desenvolvimento do pensamento sociológico, aos alunos do Ensino Médio (FEIJÓ, 2012, p. 111).

As redes sociais virtuais podem ser aliadas às aulas de sociologia, na medida em que contribuem para a mobilização de saberes, o reconhecimento de diferentes identidades e a articulação dos pensamentos que compõem a coletividade. É necessário que a escola e o professor façam uso dessas redes levando em consideração que é preciso a intervenção intencional dos professores que devem funcionar como agentes capazes de contribuir para o aprofundamento das temáticas discutidas nesses espaços e orientar as discussões, auxiliando no aprofundamento dos temas, na síntese de ideias e na análise crítica de dados. As redes sociais possibilitam o encontro de pessoas que tenham interesses similares e múltiplas visões, facilitando o estabelecimento da comunicação e ampliando as atividades de cooperação e reconhecimento do outro, o que implica numa mobilização coletiva (LÉVY, 1999).

Entre os jovens o *facebook* é a rede social virtual mais utilizada. Obviamente sua página oferece limitações que merecem ser questionadas em momento apropriado, mas partindo da ideia de que o professor deve criar uma nova dinâmica comunicacional com seu aluno no contexto das transformações trazidas pela cibercultura, o *facebook* pode oferecer condições para uma nova dinâmica de comunicação. “As relações entre alunos e professores construídas no *facebook* podem gerar um canal de comunicação mais aberto, resultando em ambientes de aprendizagem mais ricos e maior envolvimento dos alunos” (MATTAR, 2012). O *facebook* pode ser explorado como ferramenta pedagógica importante, principalmente na promoção da colaboração no processo educativo, e ainda, permite a construção crítica e reflexiva de informação e conhecimento (FERNANDES, 2011).

2. Planejamento

A grade curricular das escolas de Ensino Médio de modo geral restringe a disciplina de Sociologia à apenas uma ou duas aulas semanais. Essa dificuldade pode se apresentar como mais uma barreira no trabalho de legitimação da disciplina na escola, pois dificulta um trabalho aprofundado em discussões, debates e uso de TICs. Por isso esse relato procura demonstrar uma experiência em que o ambiente físico de sala de aula foi estendido ao ciberespaço, com o objetivo de ampliar as discussões e confrontar ideias que a organização da escola em blocos de aulas de 45 ou 50 minutos não permitiriam.

Planejar uma atividade que faz uso de redes sociais virtuais demanda embasamento teórico e pesquisa, principalmente em temas como cibercultura, web 2.0 e TICs. Mas se o professor não tiver o cuidado de repensar seu papel em sala de aula e romper com a aula expositiva tradicional e com a figura do aluno passivo e receptor de conhecimento seu objetivo pode ficar comprometido. Para buscar embasamento teórico-pedagógico e planejar essa atividade, um novo campo conhecido como educomunicação oferece elementos que podem contribuir muito para o ensino de sociologia. Comunicação e educação não podem mais serem vistos como dois temas, ou duas práticas, distintas, um está ligado ao outro (SOARES, 2000).

O conceito de educomunicação propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos na escola e em outros espaços de aprendizagem, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar. Segundo o professor Ismar Soares (2000), educomunicação pressupõe um

[...] conjunto das ações voltadas para a criação de ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, favorecedores tanto de relações dialógicas entre pessoas e grupos humanos quanto de uma apropriação criativa dos recursos da informação nos processos de produção da cultura e da construção e difusão do conhecimento (SOARES, 2000, p. 24).

Não se trata, portanto, apenas da reflexão sobre o uso das tecnologias da comunicação e da informação na escola, mas de um conjunto de ações voltadas a criar e fortalecer espaços de aprendizagem e de comunicação que ultrapassem a sala de aula e as grandes mídias, e possam transformar o aluno em sujeito produtor de conhecimento.

2.1 . Etapas do Planejamento

O uso de redes sociais virtuais em atividades pedagógicas precisa ser planejado de modo que o professor direcione intencionalmente o trabalho na sala de aula e no ciberespaço. O planejamento para esta atividade seguiu três etapas: 1. definição dos conhecimentos priorizados; 2. definição das habilidades e competências que os alunos desenvolverão com o trabalho; 3. reflexão acerca da metodologia, da melhor rede e a melhor forma de usá-la; 4. avaliação.

Esta atividade foi desenvolvida com turmas do 3º ano do Ensino Médio e o conteúdo definido foi: “O papel social e transformador da esperança e do sonho”⁴, trata-se de um tema de fechamento de ciclo, pois pressupõe que o aluno já tenha trabalhado ao longo do Ensino Médio temas sociais e que tenha despertado a sensibilidade e a utopia da transformação social. Trata-se de uma reflexão sobre a importância do sonho como forma de resgate da própria condição humana perdida no processo de coisificação do homem.

As competências e habilidades tomadas como metas a serem atingidas pelos alunos são: reconhecer diferentes formas de atuação política; compreender a importância da participação política; estabelecer uma reflexão crítica acerca da importância do sonho e da esperança como transformadores da realidade social.

O *facebook* possui uma ferramenta bastante interessante de formação de grupos (abertos ou fechados) que oferece maior condição para interação e discussão entre os donos de perfis. Espontaneamente os alunos já a utilizam, pois desde o início do ano letivo já havia grupos formados por perfis de alunos de cada turma, alguns inclusive com participação de professores. Esta ferramenta foi escolhida como a mais apropriada para o desenvolvimento da atividade, pois, além de funcionar como um fórum, permite compartilhar qualquer informação, como textos, imagens, vídeos, músicas e etc, e todos os membros são notificados instantaneamente em seus perfis, se assim quiserem.

Como forma de sensibilização seria postado o vídeo em que Martin Luther King Jr⁵ faz o seu famoso discurso *I have a dream* (Eu tenho um sonho). Os alunos seriam convidados a fazer uma pesquisa sobre o contexto deste discurso e uma reflexão acerca da utopia de Luther King, que seriam postadas no próprio campo de comentários do vídeo. Em seguida, os alunos deveriam sugerir outros vídeos, músicas, imagens ou textos que representassem grandes sonhos de transformação social. Eles postariam da mesma forma que o professor e o processo se repetiria: todos fariam uma pesquisa sobre o contexto do vídeo, da música, da imagem ou do texto e escreveriam uma reflexão a respeito. De acordo com o planejado, esta etapa levaria duas semanas e a sala de aula seria um espaço de

⁴ Este tema consta no *Currículo Oficial do Estado de São Paulo* (2012, p. 50), elaborado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

⁵ Martin Luther King Jr. foi um pastor norte-americano e tornou-se um dos maiores líderes contra a opressão racial nos EUA. Seu discurso mais famoso chamado “Eu tenho um sonho” (*I have a dream*) foi pronunciado em 1963 em Washington. <<http://www.youtube.com/watch?v=OztqOFFctsw>>

continuidade dessas reflexões através do diálogo. Os alunos teriam liberdade para interferir em todo processo de realização da atividade.

Planejado dessa forma, o professor agiria como um instigador da aprendizagem coletiva, sempre em busca de criar um ecossistema comunicativo em que todos são ouvidos e são partes do processo de criação da atividade, na medida em que os vídeos, músicas, imagens e textos (exceto o primeiro) não estão pré-definidos, são escolhidos pelos alunos. O professor guia o processo, mas não o define. Faz reflexões e questionamentos que possam estimular a continuidade da atividade. Deve agir como um mediador das pesquisas, das reflexões e das discussões no *facebook* e em sala de aula.

Ao final de duas semanas, presencialmente o professor estimularia uma discussão conclusiva, e cada grupo de alunos deverá produzir seu próprio vídeo, música, imagem ou texto acerca de seus sonhos e suas utopias para postarem na página do grupo no *facebook*. Esta etapa final seria um instrumento de avaliação de todo o processo.

3. Desenvolvimento

Ao ouvir a proposta de uma atividade pedagógica que faz uso do *facebook* a reação dos alunos foi de unânime demonstração de estranheza. De modo geral, os alunos parecem não conseguir associar imediatamente o conhecimento linear, rígido, autoritário, oficial e controlado da escola tradicional com o conhecimento fluído, desautorizado, desterritorializado, inovador e sem donos dos meios de comunicação, especialmente os produzidos pela cibercultura. Nessa concepção, educação e comunicação, isto é, o que aprendem na escola e o que aprendem na tela do celular, *tablet* e computador são diferentes e não podem ser integrados (SOARES, 2000). Cabe ao professor, dessa forma, desconstruir essa dificuldade inicial e demonstrar que assim como no ciberespaço, a sala de aula também pode ser um espaço de diálogo e interação em que o saber é descentralizado.

Antes de dar início à primeira etapa o professor consultou o interesse dos alunos em realizar tal atividade via *facebook*. Por mais que demonstrassem certa desconfiança, ninguém se opôs. Assim, a primeira etapa da atividade aconteceu sem grandes dificuldades. De 38 alunos da sala, 25 postaram comentários acerca do vídeo inicial. No ANEXO I pode-se observar o conteúdo de parte desses comentários. Ainda que não seja a totalidade, este dado se aproxima do número real de alunos que frequentam o curso, na medida em que a evasão é um problema significativo no Ensino Médio.

Em seguida foram estimulados a publicar um conteúdo que haviam selecionado, sempre se referindo à temática “O papel social e transformador da esperança e do sonho”. Nesta etapa a

participação foi um pouco menor. 14 alunos postaram 18 conteúdos entre vídeos e letras de música. Apesar da diminuição na participação, os conteúdos publicados foram bastante enriquecedores do ponto de vista do professor. Os alunos foram capazes de relacionar o tema e o vídeo de Martin Luther King Jr à outros personagens e momentos históricos na luta por direitos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Che Guevara, o Movimento “Diretas Já” e o Movimento Estudantil. Além disso, postaram conteúdos com letras e videoclipes em que a temática era de alguma forma abordada.

A tarefa de escrever reflexões em todos os vídeos não foi tão bem sucedida. Talvez pela quantidade de conteúdo, poucos alunos a realizaram efetivamente. Muitos escreveram apenas comentários superficiais, ou nada fizeram. Isso demonstra talvez uma falha no planejamento. Poderia ter havido mais tempo para a realização da tarefa, ou talvez devesse ser realizada em grupo. Cabe aqui, portanto, uma reflexão.

Ao retomar as discussões em sala de aula, o professor pôde consultar as impressões dos alunos em realizar a atividade através de uma rede social virtual. Parte considerável da sala fez considerações acerca das dificuldades de entender o que realmente o professor esperava deles. Talvez ouvir na semana anterior que eles eram livres para comentar e discutir a partir de suas próprias percepções e pontos de vista, sem a preocupação de estarem certos ou errados não tenha sido o suficiente.

Neste momento pareceu interessante replanejar a atividade. Em sala de aula os alunos foram convidados a intervir no seu próprio processo de aprendizagem. Ao serem consultados do que fazer dali em diante, optaram, depois de um curto debate, por realizar em sala de aula a exposição de alguns vídeos para que as discussões e comentários fossem feitos presencialmente. Esta intervenção dos alunos ao longo do processo é parte da concepção de educomunicação, pois em um ecossistema comunicativo todos podem intervir e questionar os meios (SOARES, 2000).

Feito isso, a etapa final, que serviu como avaliação, foi mais fácil e gratificante. Após as discussões em sala de aula os alunos se dividiram em três grandes grupos e desenvolveram sua própria mensagem de sonho e utopia. Um dos grupos produziu um vídeo em que todos davam depoimentos sobre seus desejos para o futuro. Outro produziu um pequeno sarau de poesia. O terceiro apresentou um texto dissertativo em que todos os conteúdos postados no grupo do facebook eram de algum modo citados.

4. Conclusão

Este relato obviamente não descreve um trabalho pedagógico sem equívocos. Pelo contrário, em todo processo, desde o planejamento até a avaliação, há erros que demandam reflexão do

Vol.3, Nº1. Jan. de 2014.

professor. O erro é parte do processo, até porque o *facebook* é uma ferramenta nova para todos, especialmente quando se pretende utilizá-la pedagogicamente. Esta experiência é uma tentativa de aproximar a escola dos meios, de deixar de lado a concepção de que educação é simples aquisição de conhecimento, de valorizar a cultura midiática na escola ao invés de rejeitá-la (JACQUINOT, 1998).

A maior dificuldade no desenvolvimento deste trabalho, talvez tenha sido a postura de alguns alunos diante do novo. Não se trata de uma rejeição, mas de um olhar de estranheza que parece ainda não conceber relação do mundo de fora da escola com o de dentro. A educomunicação se desdobra como uma estratégia interessante exatamente no sentido de transformar essa concepção.

[...] no plano educativo, um dos desafios atuais é confrontar os modos tradicionais de educação e apropriação de conhecimento e a cultura midiática dos alunos para que a educação sirva, ao mesmo tempo, para promover o espírito crítico do cidadão e a capacidade de análise do educando (JACQUINOT, 1998, p. 2).

Este desafio deve ser enfrentado por todos que já não acreditam no professor como um acumulador de conhecimentos e admitem que as novas gerações, imersas numa nova forma de lidar com o saber, precisam de outras formas de aprendizagem.

Ao professor de sociologia, em especial, cabe uma mudança imediata de postura, pois uma de suas funções cruciais no processo de legitimação da disciplina é oferecer condições de desnaturalizar o olhar de seu aluno diante da realidade. É preciso ouvi-lo, pois não se produz conhecimento sociológico legítimo a partir de uma postura que não seja baseada no diálogo democrático. “A educação para os meios é uma introdução à democracia” (JACQUINOT, 1998, p. 13).

Por mais que esta experiência tenha tropeçado em alguns erros, ela é subsídio para pensar práticas futuras. O objetivo central deste texto foi relatar o uso do *facebook* como uma nova ferramenta pedagógica, a partir do reconhecimento de que a maioria dos jovens estudantes do Ensino Médio estão sofrendo com o mal-estar da falta de sentido na escola (SIBILA, 2012), porque estão inseridos em uma nova forma de relação com o saber.

O *facebook* é um recurso limitado: não foi criado para ser uma plataforma virtual de aprendizagem, entretanto, é lá que os alunos se relacionam, que se comunicam. A escola deve se apropriar deste espaço e extravar os seus limites físicos na direção de incorporar a cibercultura e as novas tecnologias em seu trabalho cotidiano, a partir da adoção de uma postura educomunicativa.

5. Referências

FEIJÓ, Fernanda. *A Sociologia Contemporânea na sala de aula: (re)pensando algumas perspectivas para o ensino das ciências sociais no ensino médio*. 2012, 122 folhas, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade Ciências e Letras, Araraquara.

FERNANDES, Luís. *Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes*, 2011. Disponível em <http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf>. Acesso em 02 abril de 2013.

IBGE. *PNAD: De 2005 para 2011, número de internautas cresce 143,8% e o de pessoas com celular, 107,2%*. Rio de Janeiro, 2013.

Disponível em <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias>>. Acesso em 14 de setembro de 2013

JACQUINOT, Genevève. *O que é um educador?* I Congresso Internacional de Comunicação e Educação. ECA, USP, São Paulo, 1998.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATTAR, João. *Facebook em Educação*, Blog do autor, 2012.

Disponível em <<http://joaomattar.com/blog/2012/01/17/facebook-em-educacao>>. Acesso em 02 Abril de 2013.

SÃO PAULO (ESTADO), Secretaria de Educação. *Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias*. 1. ed. atual., São Paulo: SE, 2012.

SIBILA, Paula. *A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros?* Rev. MATRIZE, São Paulo, ano 5, n. 2, 2012.

SILVA, Marco. *Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online*. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Comunicação Social, PUC-RS, Porto Alegre, ano 2, vol. 1, n. 37, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. Revista Comunicação e Educação, Comunicação Social, USP, São Paulo, n. 19, jan/mar, 2000.

ANEXO I – Atividade realizada pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio em seu grupo na rede social facebook⁶ (outubro de 2012).

Caros alunos,

Como conversamos em sala de aula, o TRABALHO BIMESTRAL DE SOCIOLOGIA será realizado via facebook desta vez.

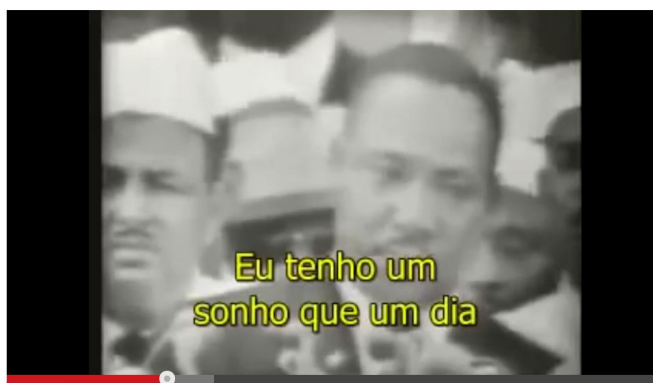
⁶ As discussões desta atividade no grupo no facebook não se encontram disponíveis a todos, por se tratar de um grupo fechado de usuários. O conteúdo reproduzido neste anexo visa apenas ilustrar o desenvolvimento da atividade.

Ao longo de nossas aulas deste último bimestre trabalharemos o tema “O papel social e transformador da esperança e do sonho”. Esta situação de aprendizagem pretende trazer à tona o nosso desejo de transformação social de construir coletivamente um projeto de futuro para nós e nossa sociedade. Como vimos ao longo deste ano, a História é marcada por diversas situações de desumanização e coisificação do outro, através da violência, da exploração do trabalho, da desigualdade, enfim, do ferimento aos Direitos Humanos.

Durante esta semana, vamos selecionar grandes nomes que marcaram a História graças aos seus sonhos ou grande movimentos sociais transformadores. A atividade consiste em publicar vídeos, imagens ou textos sobre alguma personalidade cujos sonhos foram capazes de contribuir para a transformação social. Vale a pena abrir a apostila para conhecer alguns. Em seguida, você deve comentar os vídeos publicados por mim e por seus colegas.

Segue abaixo minha sugestão. Comentem e em seguida publiquem os de vocês. Lembrando que tanto os comentários quanto às sugestões de vídeos, textos e imagens valem nota.

Martin Luther King Jr – A luta pelos direitos civis



Comentários ⁷:

Aluno 1 – Muito bonita a fala dele. Ele parece ter sonhos importantes para o seu povo. Pena não haver ninguém assim no Brasil. Aqui o negro e o gay ainda sofrem mto.

Aluno 2 – Eu já tinha ouvido falar dele, mas não sabia que ele era esse homem. Ele parece ser um grande líder. Acho q se não tivessem matado, seria presidente dos EUA.

Professor – Há pessoas aqui no Brasil que militam em nome do Movimento Negro. Nós já estudamos isso, inclusive. Zumbi dos Palmares, por exemplo, é uma figura muito representativa para o movimento. Não sei se ele teria sido presidente, mas talvez graças a ele e, ao movimento coletivo que ajudou construir, hoje os EUA têm um presidente negro.

Aluno 3 – Professor o Martin Luther King conheceu o Nelson Mandela? O que tinha nos EUA era um Apartheid também?

⁷ A linguagem escrita utilizada pelos alunos foi reproduzida sem correções ortográficas.

Aluno 4 – Nunca se conheceram, mas provavelmente o Luther King inspirou a luta contra o Apartheid, pq ele morreu antes do Mandela ficar famoso. Acho que nos EUA o preconceito não era tão cruel quanto o Apartheid da África do Sul. Professor, vou postar um vídeo sobre o Mandela ta?

Aluno 5 – Eu não entendi o que é para fazer, mas gostei do vídeo. Muita gente assistindo a passeata nos EUA. Eu tenho agora que postar um vídeo também? Tenho um texto do Che Guevara, serve?

Aluno 6 – Fiz uma pesquisa. O Martin Luther King Jr foi um grande líder do movimento negro e da luta pelos direitos civis nos EUA. Como a gente aprendeu na aula, direitos civis se referem à igualdade perante à lei. Parece que a situação do negro melhorou nos EUA de la pra ca.

Aluno 7 – Muito bom o vídeo. Deu pra entender bem a aula do professor. Valeu!

Professor – Mandela e Guevara são exemplos, em contextos diferentes, de grandes sonhadores que contribuíram com a transformação social. Podem postar conteúdos sobre eles sim. De fato a luta pelos direitos civis nos EUA marcou o país e mundo e ampliou os direitos excluídos. E no Brasil? Vocês acreditam que os direitos civis já são garantidos? O movimento negro no Brasil ainda luta por igualdade? Lembrem que discutimos isso nas aulas. Vi que alguns alunos postaram vídeos. Podem comentá-los também. Este espaço é livre e é de vocês! Ainda são poucos os comentários e o dia da aula se aproxima. Participem!